

ESTRELAS ANÔNIMAS DO FESTIVAL: HISTÓRIAS DA GENTE QUE SE DEDICA A FAZER O BOI CAPRICHOSO

Rendrick Gama de Azevedo¹

Diego Omar da Silveira²

RESUMO: Este presente trabalho intitulado “Estrelas anônimas do Festival: histórias da gente que se dedica a fazer o Boi Caprichoso” teve como objetivo registrar histórias de vida de pessoas comuns que dedicam parte de suas vidas ao Boi Caprichoso, integrando os itens coletivos (não remunerados) do bumbá, a saber, torcida/“galera”, Marujada de Guerra (percussão), corpos de dança e vaqueirada. Onde a metodologia utilizada foi um levantamento bibliográfico sobre o tema, e a realização de entrevistas com os sujeitos protagonistas desta pesquisa. Um trabalho que propôs dar voz e reconhecimento por meio da pesquisa, a esses protagonistas anônimos, que participam da realização do Festival de Parintins pelo Boi Caprichoso.

PALAVRAS-CHAVE: Festival de Parintins; Boi-Bumbá Caprichoso; Protagonistas Anônimos.

ABSTRACT: This present work entitled "Anonymous Stars of the Festival: stories of people who are dedicated to making the Boi Caprichoso" aimed to record life stories of ordinary people who dedicate part of their lives to the Boi Caprichoso, integrating the collective items (unpaid) of bumbá, namely twisted/“galera”, Marujada of war (percussion), dance corps and vaqueirada. Where the methodology used was a bibliographic survey on the subject, and interviews with the protagonists of this research. A work that proposed to give voice and recognition through research, to these anonymous protagonists, who participate in the realization of the Festival of Parintins by Boi Caprichoso.

KEYWORDS: Festival de Parintins; Boi-Bumbá Caprichoso; Anonymous protagonists.

¹ Autor do artigo. Finalista do Curso de Licenciatura em História pela Universidade do Estado Amazonas – UEA. E-mail: rendrick.gama.13@gmail.com

² Orientador.

1. INTRODUÇÃO

Tem crescido nos últimos anos a produção bibliográfica sobre os “bois de Parintins”. Tornados patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2018, os bumbás mais do que nunca atraem a atenção de acadêmicos e produtores culturais, uns interessados em melhor compreender a história e a pujança atual da festa, outros empenhados em inseri-la de forma sempre nova no mercado do turismo e dos bens culturais. Diferentes enfoques e recortes teórico-metodológicos têm realçado um igualmente diverso conjunto de sujeitos/atores, dos criadores do espetáculo – que não cessa de ser renovar e propor novas representações do imaginário amazônico (Cavalcanti, 2000; Nogueira, 2008; 2014), aos trabalhadores e a gente comum, que enfeita a suas casas e se dedica como pode para fazer seu boi campeão (Rodrigues, 2006; Valentin, 2005; Valentin; Cunha, 1998; 1999).

Especialmente entre os nativos, a paixão é alimentada por vários elementos de identidade, que vão desde a localização geográfica (estar num bairro identificado como reduto de um ou outro bumbá) até a herança familiar. E a participação nas atividades dos bois se dá desde a infância, quando começam a surgir novos desenhistas e percussionistas nas escolinhas de cada agremiação, bem como uma “nação” de apaixonados, que já vestem a cor do “seu bumbá” e aprendem desde cedo as canções que “levantam a galera”. A adesão voluntária a alguns itens coletivos marca, no entanto, certo rito de passagem. Mesmo sem remuneração e às vezes tendo que desembolsar seus próprios recursos, os torcedores e marujeiros, os corpos de dança e a vaqueirada integram – de forma indispensável – o conjunto dos itens e o repertório das apresentações. E toda essa doação é recompensada na maior parte do tempo apenas pelo reconhecimento simbólico da sua importância ou pela exaltação da tradição.

A ideia que está na base da proposta surgiu mediante a observação tanto da bibliografia quanto das abordagens mais midiáticas do Festival, nas quais são privilegiadas algumas “estrelas” em detrimento dos contingentes de pessoas comuns que doam parte de suas vidas aos Bois-Bumbás. Por razões práticas, o recorte limita a pesquisa ao Boi-Bumbá Caprichoso, no qual temos acesso facilitado aos coordenadores da “galera”, à Marujada de Guerra (percussão), aos

corpos de dança e à vaqueirada. O presente projeto foi realizado propondo uma investigação dos significados que tem para essa gente, anônima, o Festival Folclórico pelo Boi-Bumbá Caprichoso. Abordamos todo um levantamento bibliográfico para que pudesse contextualizar toda uma base teórica já existente sobre o Festival Folclórico de Parintins, e por viés da História uma análise reflexiva por meio da micro-história. Registramos histórias de vida que se atrelam ao bumbá, citados acima anteriormente de acordo com suas funções e atribuições pelo Boi Caprichoso.

2. PANORAMA HISTÓRICO SOBRE O FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS



Figura 1 - Festival Folclórico de Parintins

Toda e qualquer pesquisa que trate de questões em torno do contexto social e histórico do Boi-Bumbá Caprichoso, necessita de uma retomada ao panorama histórico sobre o Festival Folclórico que ocorre anualmente na cidade de Parintins. O Festival Folclórico de Parintins atualmente acontece no último fim de semana do mês de junho, com a disputa das associações folclóricas Boi-Bumbá Caprichoso e Boi-Bumbá Garantido.

“Parintins é uma pequena cidade, situada na ilha de Tupinambarana, no estado do Amazonas. Bem próxima à fronteira com o Pará, na região conhecida como médio rio Amazonas. A pacata cidade transfigura-se anualmente para abrigar uma festa espetacular: o festival dos Bois-Bumbás” (CAVALCANTI, 2000, p. 1020)

Compreender as transformações e o momento atual nos bumbás tem bastante relação com o contexto histórico do Festival, pois durante anos a festividade buscou se adequar aos processos evolutivos no que diz respeito a forma de apresentação, e em relação ao seu corpo de participantes que com os anos atraía mais voluntários dispostos a engrandecer e fazer parte do espetáculo.

Fundado no ano de 1965, inicialmente como uma forma de lazer para os jovens, e posteriormente a pedido do Bispo com intuito de arrecadar fundos para o término da construção da Catedral, o festival tinha como atrações diversos grupos folclóricos locais, mas entre eles se destaca os Bois Caprichoso e Boi Garantido. Assim relata Allan Rodrigues em seu livro “Boi-Bumbá Evolução”, (2006, p. 83): “O festival foi fundado com o intuito de proporcionar uma alternativa de lazer para a juventude de Parintins, carente de diversões. Mais tarde, veio o pedido do Bispo para a renda da festa ser destinada para as obras de construção da catedral da cidade – conta Raimundo Muniz”.

Vale uma ressalva que segundo alguns autores que estudam o Boi-Bumbá em Parintins, que a fama e destaque de Garantido e Caprichoso já existia anterior a criação do Festival, nas festas pelas ruas da cidade, onde os bois se apresentavam na frente das casas dos moradores os quais existiam aqueles que tinham simpatia por determinado Boi, e isso propiciou o destaque que os Bois tiveram com o passar dos anos.

O Festival de Parintins foi fundado pelos integrantes da Juventude Alegre Católica (JAC), liderados por Raimundo Muniz, Xisto Pereira e Lucinor de Souza Barros. Desde a fundação do Festival a sua realização tinha sido na quadra da JAC em frente à Catedral até 1974, em seguida passou a ser realizado no Centro Comunitário Esportivo (CCE), pelo estádio Tupy Cantanhede, pelo Tabladão do Povo (antigo aeroporto da cidade), pelo anfiteatro Messias Augusto e, por fim

considerado como marco maior de mudanças e transformações do Festival, passou a ser realizado no Bumbódromo (até os dias atuais) inaugurado em 1988. “Em 28 de junho 1988, o Bumbódromo era inaugurado pelo então Governador Amazonino Mendes. O Festival de Parintins recebia, afinal, um espaço projetado especialmente para acomodar a apresentação dos Bois.” (VALENTIN, 2005, p. 21)

A construção e inauguração do Bumbódromo alavancou a popularidade e transformou o Festival na forma como ele acontecia, essas ações foram geradas pela injeção de mais recursos na realização da festividade, e também devido ao seu novo espaço que exigia um espetáculo com maiores proporções. Feito o espaço que elevaria o festival a um grau mais elevado, logo foi exigido a participação de mais pessoas na realização do espetáculo, personagens estes que ganharam mais destaques pelas suas participações e envolvimento na realização e execução do Festival.

Entrando agora no contexto dos personagens que foi o enfoque desta pesquisa, nos primeiros anos de Festival os personagens protagonistas que participam das apresentações segundo Raimundo Muniz, foram criados a partir do momento que o festival passa a ser realizado em forma de disputa entre os bois Caprichoso e Garantido, e o surgimento de um regulamento e uma comissão julgadora para definir quem seria campeão do festival. “Segundo Raimundo Muniz, até 1972 os itens julgados não passavam de seis: evolução do boi, rainha da fazenda, opinião pública, Pai Francisco e Mãe Catirina e figuras engraçadas.” (RODRIGUES, 2006, p. 85) Atualmente o festival tem 21 itens considerados oficiais que fazem parte da disputa, e entre eles está aqueles que serviram como protagonistas desta pesquisa, que será abordado com mais detalhes no próximo tópico.

O Festival Folclórico de Parintins nos dias atuais é uma festividade teatral a céu aberto, que ocorre na arena do Bumbódromo (é uma edificação estrutural que lembra o formato de uma cabeça de boi estilizada, com capacidade, na arena, para 35 mil espectadores) na cidade de Parintins - estado do Amazonas, no último fim de semana do mês de junho. “É hoje uma das grandes manifestações populares do Norte do Brasil, atraindo milhares de pessoas não só de Manaus (a capital do estado) e cidades próximas, como de diversas parte

do país.” (CAVALCANTI, 2000, p. 1020) Espetacularização essa protagonizada pelos Bois Caprichoso e Garantido, que durante três noites de disputa, são vistas por olhares diversos, desde a população local a turistas do mundo todo.

Um olhar para além da festa num todo, é possível observar que uma festividade grandiosa necessita de uma estrutura pessoal gigantesca, onde encontra-se muitos personagens envolvidos nos bastidores da realização do Festival. É preciso se atentar para a relevância e importância que estas pessoas têm na realização do festival, sabemos que atualmente muitas das pessoas envolvidas têm um vínculo empregatício com o bumbá, ou seja são pagas para fazerem parte do espetáculo. Mas existem aquelas que se voluntariam para estarem presente na realização do festival, independente do setor ou grau de aparência durante o espetáculo, para elas o que vale é o amor e o compromisso com o Boi Caprichoso.

[...] pode-se tomar para estudo uma “realidade micro” com o intuito de compreender certos aspectos de um processo de centralização estatal, que em um exame encaminhado do ponto de vista da macro-história, passariam certamente despercebidos. (BARROS, 2007, p. 169)

É relevante atentar-se para uma história que almeja ser vista de um olhar mais fragmentado, para poder enxergar novas perspectivas e realidades sociais que somente observar o todo, não seria possível decifrar ou reconhecer estes fatores que também são relevantes no contexto do Festival Folclórico de Parintins. E são esses personagens fragmentados numa concepção de ambiguidade entre protagonismo e anonimato.

O anonimato nesse caso distingue-se como uma conceituação na qual determinados personagens citaram após as entrevistas concedidas para a realização desse trabalho, que eles se sentem sem representatividade e visibilidade de acordo com suas participações e contribuições para a realização do festival. Estas pessoas que fazem parte de itens coletivos e individuais são elas que intrigam e despertam a realização desta pesquisa, pois o fato de doarem seu tempo, e dividirem a responsabilidade de participar do festival com as atividades rotineiras do seu dia-dia, é algo que exige um grande esforço somente pelo anseio de fazer parte independente das adversidades corriqueiras

que possam a vim lhe ocorrerem, até se chegar o grande dia do espetáculo no final de Junho, existe todo um contexto físico e social na vida dessas pessoas, é relevante se atentar para as suas histórias e dedicação ao Boi Caprichoso.

3. Itens coletivos/individuais e protagonistas anônimos do Festival

Antes de compreender os anseios históricos que giram em torno destes personagens, é necessário entender a estrutura montada para a espetacularização, que tornou estes personagens relevantes durante a realização do Festival. Nessa condição é importante compreender como ocorre o sistema de apresentação atual, que tornou estas pessoas em itens oficiais do Festival Folclórico de Parintins, itens que são divididos em coletivos e individuais. Como foi falado anteriormente o Festival Folclórico de Parintins atualmente, tem 21 itens que fazem parte da disputa na arena do Bumbódromo, e estes itens são divididos em blocos de julgamento conforme as especialidades dos julgadores, segundo o regulamento vigente são eles:

Bloco “A” – Comum /Musical: Item 1 APRESENTADOR (individual); Item 2 LEVANTADOR DE TOADAS (individual); Item 3 BATUCADA OU MARUJADA (coletivo); Item 6 AMO DO BOI (individual); Item 19 GALERA (coletivo); Item 11 TOADA LETRA E MÚSICA (abstrato); Item 21 ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO FOLCLÓRICO (coletivo).

Bloco “B” – Cênico/coreográfico: Item 5 PORTA-ESTANDARTE (individual); Item 7 SINHAZINHA DA FAZENDA (individual); Item 8 RAINHA DO FOLCLORE (individual); Item 9 CUNHÃ-PORANGA (individual); Item 12 PAJÉ (individual); Item 10 BOI-BUMBÁ EVOLUÇÃO (individual); Item 20 COREOGRAFIA (coletivo).

Bloco “C” – Artístico: Item 4 RITUAL INDÍGENA (estrutura artística); Item 13 TRIBOS INDÍGENAS (coletivo); Item 14 TUXAUAS (coletivo); Item 15 FIGURA TÍPICA REGIONAL (artístico); Item 16 Alegoria (artístico); Item 17 LENDA AMAZÔNICA (artístico); Item 18 VAQUEIRADA (coletivo).

Mas os personagens desta pesquisa foram aqueles escolhidos como forma de integrar e ressaltar sua importância histórica e social na realização do Festival, personagens estes que são conhecidos por seu coletivo e sua voluntariedade em participar e se doar pelo Boi Caprichoso. São estes, como os integrantes da *Vaqueirada*, que é um item que participa em conjunto com encenações em torno do Boi, são uma espécie de guardiões do Boi. *Galera* é o item coletivo que reúne um grande número de pessoas, que pulam e levantam os braços e adereços na arquibancada do Bumbódromo, e a sua participação é essencial durante toda a apresentação do Boi. *Grupos de danças*, que apesar de não ser um item específico coletivo, eles fazem de todos os momentos que tenham encenações e danças. E por último a *Marujada* que é o item que dá ritmo e sonorização ao espetáculo. Nestes grupos específicos o que eles têm em comum como já foi falado, são as suas voluntariedades para fazer parte do espetáculo, e com isso eles não recebem nenhum recurso financeiro pelas suas participações.

Todos estes itens fazem parte do conjunto da apresentação folclórica no Festival de Parintins, mas entre eles à algumas especificidades, das quais foi o pontapé chave para o início desta pesquisa. Sabemos atualmente que o Festival injeta muitos recursos econômicos na cidade de Parintins, além de propor grande visibilidade social e midiática por meio da divulgação, e principalmente durante a realização do Festival. Dito isto, entre todos estes itens citados existe grupos de pessoas que se dedicam e se doam para participarem da festividade pelo Boi Caprichoso, sem nenhum ganho econômico e pouca visibilidade social, no qual denominamos como protagonistas anônimos do Festival. “[...] a micro-história diz respeito ao *sujeito* – o historiador que reduz sua escala analítica – e simultaneamente ao *objeto*, no caso os enredos e conflitos protagonizados por agentes anônimos da *realidade* histórica.” (VAINFAS, 2002, p. 121)

Além da questão observadora, está pesquisa faz parte de vivências de realidades em torno do Festival, que levou a um olhar mais detalhado partindo de uma concepção teórica que está de acordo com a proposta desse trabalho, a micro-história, mais precisamente, a história vista de baixo. O festival no seu meio midiático e social ainda tem uma concepção da História dos grandes homens, uma história que enaltece uns e esquece outros. É interessante propor

e realizar uma análise de um macro de forma mais fragmentada pois, assim pode-se observar um contexto esquecido ou até mesmo escondido, mas que também faz parte do macro, que nesse caso é o Festival Folclórico de Parintins, que envolve uma grande massa social.

o historiador considere revelador em relação aos problemas sociais ou culturais que está disposto a examinar. Se ele elabora a biografia ou a “história de vida” de um indivíduo (e freqüentemente escolherá um indivíduo anônimo) o que o estará interessando não é propriamente biografar este indivíduo, mas sim os aspectos que poderá perceber através do exame micro-localizado desta vida. (BARROS, 2007, p. 169)

É compreensível pensar também que o Festival atualmente tem um vasto social e espacial, e muitas vezes não resta tempo e nem espaço para que todos possam ter uma visibilidade e um reconhecimento a mais. Então essa pesquisa foi pensada para que estes protagonistas anônimos possam ser vistos e ouvidos de uma maneira mais detalhada e compreensiva e que leve em conta suas contribuições históricas no contexto do Festival Folclórico de Parintins pelo Boi Caprichoso.

4. Histórias da gente que se dedica a fazer o Boi Caprichoso

A primeira proposta que tínhamos em mente era a produção de um vídeo-história com a narrativa desses sujeitos, mas devido aos impactos causados pela pandemia do Corona vírus não foi possível realiza-lo. Nossa proposta para que essa pesquisa não perdesse seu objetivo principal que era ouvir a narrativa desses sujeitos, com intuito de entender e conhecer talvez um contexto social ainda pouco inexplorado do campo da pesquisa científica sobre Boi-Bumbá em Parintins, especificamente no Boi Caprichoso. Foi realizado um grupo focal com apenas um ou dois integrantes dos grupos da Vaqueirada, Marujada, Grupo de Dança e Galera. Realizamos esse encontro na noite do dia 01 de julho de 2021, e na tarde do dia 04 de agosto com o integrante que não pode comparecer no dia do grupo focal.



Figura 2 - roda de conversa com os integrantes da vaqueirada, galera, grupo de dança.

O objetivo dessa conversa foi que cada um pudesse contar suas histórias e relatos durante seus anos de participação no Festival pelo Boi-Bumbá Caprichoso, bom essa conversa do grupo focal durou em torno de quase duas horas de narrativas, além da fala do participante da marujada que foi gravada em outra data que teve meia hora de narrativa. Bom, não há como colocar tudo o que foi falado, mas as partes mais significativas que se encaixam na proposta desta pesquisa estão presentes neste texto.

Durante a roda de conversa muito se foi falado em relação as vidas particulares de cada um, que se misturam com a vivência que é fazer parte dos bastidores do Boi Caprichoso, mas é interessante ressaltar que toda dedicação vem de um sentimento no qual não se espera ser retribuído de forma alguma apesar das dificuldades, assim relata Hudson (integrante da vaqueirada): “A gente passa por muitas coisas, que pra gente hoje em dia é muito irrelevante. Mas é muito gratificante, eu estou ali a 20 anos [...]”. É interessante refletir sobre essa fala de um integrante que já está nesse meio a bastante tempo, e a sua fala trata-se mais de um sentimento nostálgico e gratificante, quando ele remete a acontecimentos no decorrer de toda sua carreira como integrante da Vaqueirada do Boi Caprichoso.

O que está relacionado ao sentimento de nostalgia pela fala deles é o amor e o carinho em querer fazer parte de algo envolto do Boi Caprichoso, que muitas das vezes esse sentimento começa a ser gerado a partir de suas infâncias, e os leva a querer participar de qualquer forma do Festival pelo Boi Caprichoso, Darlan integrante da vaqueirada há 5 anos, fala a respeito disso:

[...] o amor que eu tinha ao Boi realmente de coração, então desde criança com diz a toada eu venho brincando no Boi Caprichoso. E no ano de 2016, eu estava lá no Bumbódromo com meu filho, ele tinha apenas doze ou treze anos, e eu vi a marujada lá da arquibancada especial onde eu estava, e aquilo me tocou muito meu coração. A vontade de brincar de novo na arena novamente, porque eu brinquei quando eu era muito criança, então se eu já fui toureiro posso ser vaqueiro (risos). Então falei assim pro meu filho, para o ano eu vou tá brincando vaqueirada [...].

A sensação transmitida por meio da fala dos integrantes da vaqueirada que o amor ao Boi Caprichoso prevalece sobre qualquer diversidade, que venha a impedi-los de estar presente nesse contexto social onde se encontra o item do qual eles fazem parte. O foco deste trecho se destina especificamente aos integrantes da vaqueirada, devido a fala deles ser de caráter mais gratificante e de total doação ao Boi Caprichoso, mesmo que eles sejam taxados por estereótipos que não condiz com a realidade ou com a subjetividade pessoal deles. Hudson fala a respeito pelo fato deles serem conhecidos por um grupo de pessoas cachaceiras, que os definem como pessoas que vivem à custa de bebidas alcoólicas. “Porque se tem aquela ideia que na vaqueirada só tem cachaceiro ou vagabundo.”

Esse preconceito por meio de pessoas que os conhecem apenas pelo coletivo sem qualquer fundamento não os desanima, a ponto de não quererem mais fazer parte da vaqueirada pois, para eles definem o seu item como uma família, onde prevalece a dedicação, o respeito e o amor ao Boi Caprichoso. E nem mesmo a falta de reconhecimento por meio do próprio Boi Caprichoso, eles afirmam citando o fato do item vaqueirada ser sempre o menos privilegiado em relação aos ensaios para o Festival, que na maioria das vezes seus ensaios são ocorridos por último em horários que beiram a madrugada nas noites.

A respeito dos integrantes do Grupo de Dança, suas falas se remetem a um presente que apresentam uma condição satisfatória e gratificante, mas o que

diferencia suas falas dos demais é perceber o quanto é exigido fisicamente deles para fazerem parte das coreografias do Boi Caprichoso. “No corpo de dança posso dizer assim é uma luta, é cansativo, é exaustivo. Você praticamente tem que se doar pra fazer parte.” Assim afirma Diego dançarino e coreógrafo do Caprichoso há mais de 15 anos, que apesar de todo esse esforço eles estão acostumados com essa exaustão da qual é fazer parte do grupo de dança pois, a dança por si só envolve a parte física e logicamente requer um esforço a mais daqueles que queiram estar envolvidos.

No decorrer da conversa falou-se sobre a questão de eles não serem pagos para fazerem parte do grupo de dança, foi algo citado como verídico pelo menos por parte da ligação deles com o Boi Caprichoso, suas participações são expressamente voluntárias e de total dedicação devido aos seus sentimentos de afetividade com o Boi, e mesmo com as dificuldades eles continuam a participar. Fernanda Lima que também é dançarina e coreógrafa há mais de 15 anos pelo Boi Caprichoso, fala a respeito disso e outras situações a mais:

[...] como você falou a gente não recebe, a gente não vem aqui e assina um contrato todo com carteira assinada. Eu não vou dizer que não recebo nada, porque tem o Show pra Turistas, e a gente ganha aquele valor, mas pra ti ganhar tem que ensaiar arduamente, porque por exemplo tem vezes que bate os horários com o ensaio de arena, você tem que ir pro curral, você tem que ficar continuar, porque depois 23:00 e 00:00 você tem outro ensaio. Então muitas vezes é cansativo, porque juntamente com a marujada o corpo de dança estar lá, você vai ver a gente lá dançando, e em seguida você tem que continuar. É árduo porque muitas vezes, maioria dos dançarinos moram pro outro lado da cidade, Paulo Corrêa, União, Pascoal Alagio, que são bem distantes e as vezes você vai ver grupos de pessoas indo juntos.

Por meio do Boi eles conseguem uma visibilidade e um ganho financeiro no ramo do turismo, isso gera uma dedicação e um esforço a mais que é lidar com ambas responsabilidades, que requer mais tempo e muitos mais ensaios, que na fala dela percebe-se o quanto isso se torna cansativo. Outra situação é em relação ao deslocamento que os integrantes do grupo de dança que moram distante do local de ensaio, realizam diariamente para ensaiarem. Esses fatos afirmam o esforço necessário que os dançarinos realizam pelo Boi Caprichoso,

é algo que vai além do físico e se explica pelo sentimento deles em querer estar nesse meio.

São anos de experiência vivenciando as mesmas situações e quando eles param pra refletirem, nem mesmo eles conseguem explicar o que os leva a continuarem sabendo que na maioria das vezes os seus esforços são desconhecidos num sentido de relevância em torno do Festival. “[...] são setores de importância pro conjunto, pra vitória, pra tudo. Realmente falta, todo mundo conhece seu setor, falta apoio.” O coreógrafo Diego afirma isso por meio de sua fala, e que não se delimita somente aos dançarinos, mas aos demais itens como no caso da Vaqueirada, da Galera e da Marujada, para ele o reconhecimento se dá pelo apoio pois, todos são relevantes para garantirem a vitória durante a disputa do Festival e eles clamam serem importantes por parte do Boi Caprichoso.

Creio que é mais do que nítido afirmar por meio dos entrevistados que todos os setores em torno do Festival que participam de forma voluntária, são envolvidos pelo sentimento e vontade própria em quererem fazer do Boi Caprichoso, nesse caso o item galera não é diferente. O item galera é um item coletivo, mas que é organizado por grupos de pessoas que servem como animadores do coletivo nas arquibancadas do Bumbódromo, nesse caso a entrevistada desse item foi com uma representante da Raça Azul há mais de 10 anos. Assim como os demais sua participação iniciou cedo, antes da maior idade, que apesar da menor idade não mediu dificuldades em se doar pelo Boi Caprichoso, mesmo que fosse na tutela de outra pessoa, o importante para ela era fazer e ajudar seu Boi a ser campeão. Mas assim como os demais, nesse meio se encontra algumas adversidades, que para ela era algo bastante constrangedor e ofensivo, mas que com o tempo ela naturalizou e soube lidar com as situações adversas. Nappalmyn Hãna integrante da Raça Azul há 10 anos fala a respeito:

Passei poucas e boas, peguei muito rallo do Babá, quando ele era presidente. Eu gostava de ficar lá na frente, era eu e uma prima minha, tinha umas senhoras de idade que toda vez que a gente parava, elas apedravam garrafa na gente, apedravam laranja. E eu mandava elas tomarem lá no... Eu tinha um ódio delas, porque eu não podia descansar um pouquinho, que elas apedravam as coisas em mim. Elas diziam se tu está aqui é

porque tu tens que aguentar, depois foi que eu criei amizade com elas. Agora eu prefiro está lá no fundo, já peguei muito ralhó [...].

Nem mesmo o cansaço físico impediu que ela fosse tratada sem respeito algum, e mesmo após esse acontecimento ela se permitiu continuar pelo fato da afetividade criada com as pessoas que antes lhe trataram mal. Situações como está são comuns para os diversos setores do Boi, pela justificativa deles estarem ali por que querem, logo se você quer estar ali você se submeter e suportar essas situações. É interessante pensar do ponto de vista analítico o que leva alguém a se submeter a algo que não o trata com respeito ou relevância, Nappalmyn Hãna continua a afirmar esse fato:

Geralmente pessoal nunca liga muito pra torcida, a gente nunca tem muito patrocínio que o resto, nos dias das nossas confraternizações sempre são a gente que tem que dar nossas coisas, é tudo fazendo uma vaquinha pra sair tudo aquilo perfeito, o pessoal não liga muito pra gente.

O sentimento de esquecimento e falta de apoio do Boi Caprichoso pelos setores dos quais os itens entrevistados fazem parte, parece ser um sentimento comum entre eles. Na maioria das vezes tem que resolver e se adequar a problemas que podem ser resolvidos, se houver um incentivo e uma atenção a mais para essas pessoas pois, muitos dedicam grande parte da sua vida para estarem ali contribuindo para a espetacularização do Boi Caprichoso no Festival, eles sentem-se protagonistas anônimos. Anonimato esse transfigurado pela ausência de reconhecimento e respeito por seus feitos em amor ao Boi Caprichoso, sentimento este também compartilhado pelo integrante da Marujada de Guerra do Boi Caprichoso há pouco mais de 8 anos, Denner Tavares fala sobre o que o levou a se tornar e querer fazer parte da Marujada:

Bom, eu comecei no Caprichoso como boa parte da marujada, das pessoas que são da minha idade. Ali da geração 2000, comecei na escolinha do Caprichoso com 10 anos de idade, eu entrei na oficina de percussão, eu comecei, mas porque eu gostava desde bem novinho mesmo, eu sempre gostei dessa parte da percussão de tocar o tambor e tudo mais. Então foi que me levou a entrar na escolinha, e eu tinha essa vontade entrar na marujada, foi em 2014 com 14 anos eu entrei pra marujada.

O Denner entrou para o quadro de itens do Boi Caprichoso de forma voluntária e incentivo próprio, levado pelo sentimento devido ao aprendizado de

um instrumento de percussão, mas que assim como os demais também apresenta em suas falas acontecimentos relacionados a falta de apoio e de reconhecimento do Boi Caprichoso com os integrantes da Marujada, que durante os anos onde ele esteve presente sempre teve que lidar com situações onde prevalecia o desrespeito, e situações num tanto constrangedoras que diferente dos outros, o fizeram com que ele não se sentisse mais a vontade em querer fazer parte da Marujada.

Nesse ano foi na segunda noite se eu não me engano, faltou fantasias pra uns 20 marujeiros, e tinha fantasia no curral no chão, tinha em torno de umas 30 fantasias, e não podia pegar a fantasia porque era do presidente da época, eu não lembro o nome do presidente. Nesse ano a marujada não ia entrar se não aparecesse as fantasias desses marujeiros que ficaram sem, acho que foi um dos primeiros anos marujada ela tentou fazer alguma coisa de bater de frente até mesmo com o presidente. Só que acabou que a gente foi silenciado pelos nossos coordenadores, porque de certa forma lá eles são funcionários do Boi, então eles têm medo de perder o emprego deles. No fim acabou que 10 marujeiros não tocou, ensaiaram 6 meses pra no fim um presidente pegar as fantasias que era pra aqueles marujeiros, e dá pra convidado, pra vender, não sei muito bem o que ele fez com as fantasias.

Nesse cenário as relações estabelecidas desses personagens são a base de sentimentos que não são recíprocos em relação ao Boi Caprichoso, suas contribuições ficam em segundo plano comparado as suas atuações no contexto preparatório para as noites de apresentação no Festival Folclórico de Parintins. Pode-se afirmar que o intuito de suas falas não se trata apenas como uma crítica direcionada a diretoria, ou outra qualquer instância responsável pela administração do Boi Caprichoso, se trata apenas de um pedido a serem mais escutados e terem suas importâncias, com base nas suas atribuições em uma Festividade de grande escala social, que abarca diversas realidades na cidade de Parintins.

Ao contemplarmos uma multidão em disparada, visualizamos um movimento homogêneo em uma única direção, e só perceberemos os indivíduos que caíram e foram pisoteados quando a multidão se afasta e deixa um clarão atrás de si; ou então se apontarmos para o meio do tumulto uma câmera dotada de objetiva, que é mais ou menos o recurso,

metaforicamente falando, utilizado pelo micro-historiador. (BARROS, 2007, p. 178)

A metáfora utilizada por José de Assunção Barros condiz muito com o caráter das falas dos entrevistados, que serviram como fontes para a realização desta pesquisa, o historiador contribui de forma gradativa para que situações vivenciadas por esses personagens anônimos do contexto do Festival, sejam esclarecidas e estabelecidas de acordo com as suas vivências e diferentes situações. Muitas vezes ao se trabalhar com esse nível humano em grande escala, através de um olhar mais aguçado pode se encontrar resposta em detalhes secundários, em elementos aparentemente esquecidos ou despercebidos quando se vê apenas o macro. Assim essas diferentes realidades anteriormente esquecidas, geram documentações que produzem fontes essenciais para futuras pesquisas históricas, além de dar voz e relevância histórica para esses protagonistas anônimos do Festival Folclórico de Parintins.

5. Conclusão:

Por fim a proposta que era permitido neste momento foi alcançada, que era poder dar voz e reconhecimento com está pesquisa a estes protagonistas anônimos, que se doam ao máximo para que o Festival do Boi Caprichoso seja realizado com êxito. Partimos de um contexto macro que é o Festival com toda a sua amplitude socioespacial, e chegamos até um contexto micro, com características de anonimato e até de esquecimento como podemos observar nas falas dos entrevistados.

As respostas obtidas através desse trabalho acadêmico são direcionadas como sugestões para que estes sujeitos possam ser ouvidos e reconhecidos, para que eles possam sair do anonimato histórico e social, e consigam ser vistos de forma mais relevante no contexto do Festival pelo Boi Caprichoso. Reafirmo pelo fato ocorrido durante a conversação realizada com os entrevistados, que no final do grupo focal após a gravação das falas terem sido encerradas, essas pessoas vieram agradecer pela oportunidade de poderem estar fazendo parte desta pesquisa, e ao mesmo de eles ter tido a oportunidade contar suas histórias e situações que muitos desconhecem.

Realizar está pesquisa foi gratificante pela reparação acadêmica em contribuir por meio de uma pesquisa com esses protagonistas anônimos, e ao mesmo tempo pelo contentamento demonstrado por eles ter sido referenciados e puderam ser escutados, e pelas possibilidades ainda maiores que ela pode alcançar academicamente falando. Entrevistar mais participantes desses grupos, ou até mesmo outros grupos itens que assim como esses, ainda permanecem no anonimato histórico e social do Festival Folclórico de Parintins.

Referências:

BARROS, José D' Assunção. **Sobre a Feitura da Micro-História**. OPSIS, vol. 7, nº 9, jul-dez 2007.

CAVALCANTI, M. L. V. C. **O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa**. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2000.

Confira o regulamento do Festival Folclórico de Parintins 2017. Prefeitura Municipal de Parintins. Disponível em: <https://www.parintins.am.gov.br/?q=277-conteudo-54108-confira-o-regulamento-do-festival-folclorico-de-parintins-2017>.

Acesso em: 22 ago. 2021.

RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto. **Boi-Bumbá: Evolução – Livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins**. Manaus: Valer, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. **Os Protagonistas Anônimos da História: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VALENTIN, Andreas. **Contrários: A celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins**. Manaus: Valer, 2005.

ENTREVISTAS:

Darlan Conceição Vieira, entrevista realizada na data 01/07/2021.

Dener Tavares dos Santos, entrevista realizada na data 04/08/2021.

Diego Pantoja Nascimento, entrevista realizada na data 01/07/2021.

Fernanda Coelho Lima, entrevista realizada na data 01/07/2021.

Hudson da Silva Lima, entrevista realizada na data 01/07/2021.

Nappalmyn Hãнна Farias Nery, entrevista realizada na data 01/07/2021.